

diferenças e se apoia no reconhecimento do carácter irreduzível e indispensável da pluralidade das culturas. A causa da paz entre os humanos passa, por conseguinte, necessariamente, pelo diálogo intercultural e inter-religioso, temática que será objeto do segundo tomo deste volume sobre «Culturas e religiões em diálogo».

Na sua Introdução a este volume, Panikkar afirma textualmente: «O pluralismo vai além das diferenças (pluralidade) e das variedades (pluriformidade). O pluralismo está ligado à *diversidade* radical.» (p. 15). Este passo na compreensão da problemática do pluralismo pressupõe dois outros anteriores. O primeiro é a *perspetividade*: se, em si mesma ou na sua objetividade, a verdade do que quer que seja é uma e tende por isso a ser a mesma para todos, todavia cada qual vê-a a partir da sua perspectiva própria, não vendo por isso mais que uma parte dela. O segundo passo é a *relatividade*: «cada coisa depende de uma série de situações em que um caso, uma afirmação, um facto particular podem ser expressos, ou falsificados, ou verificados, ou o que se queira» (p. 16); daí que toda a reivindicação absolutista deva ser abolida. Ainda no interior da Introdução, Panikkar expõe (sempre com rara clareza) alguns aspectos a ter em conta quando se trata da verdade. São três teses fundamentais: 1) A verdade está para além da unidade e da pluralidade; 2) A verdade não tem centro; 3) A verdade é polar.

Sob esta postura de fundo, muitos e variados são os problemas, os aspectos, as dificuldades, etc., que este pensador versa nos dez capítulos dedicados ao pluralismo (Primeira parte do livro) e nos seis consagrados à interculturalidade (Segunda parte): irreduzibilidade da praxis à teoria; monismo, dualismo e a-dualismo; o *aliud* e o *alter*; dialógica e

dialética; identidade religiosa e pluralismo, com as inerentes (possíveis) atitudes agressiva, regressiva e progressiva; o pluralismo religioso, com a insuficiência das variadas respostas monistas (só uma religião é verdadeira; todas as religiões são verdadeiras; todas as religiões são falsas; a religião é um assunto privado; as religiões são produtos históricos); pluralismo, tolerância e cristandade; sincretismo e ecletismo; ecumenismo ecuménico e ecumenismo crítico (na primeira parte). E na segunda: três grandes interpelações da interculturalidade: ultrapassar o pensamento analítico, ultrapassar o pensamento conceptual, ultrapassar o pensamento escrito; antropofania intercultural; libertação da teologia antes de uma teologia da libertação; relação entre a interculturalidade e a paz, com aporizações sobre as atitudes interculturais, o diálogo dialogal e o diálogo duologal, a confiança mais que a certeza; etc. etc.

Este é um livro de grande qualidade e de enorme interesse, num tempo de «choque de civilizações» em que, felizmente, a preocupação pelo diálogo inter-religioso e intercultural, no respeito pelas diferenças (embora nem sempre na preocupação e na busca da verdade), vem procurando fazer frente às tensões e conflitos entre religiões e culturas.

JORGE COUTINHO

ARÈNES, Jacques, **Croire au temps du Dieu fragile. Psychanalyse du deuil de Dieu**, coll. « Sciences humaines et religions », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2012, 394 p. 215 x 135, ISBN 978-2-204-09320-0.

Tempo do Deus frágil é o tempo da «morte» de Deus. É por ele que os sinos

dobram, como diria Hemingway, em consequência sendo para os crentes tempo de luto. E tempo de trauma, já que se trata de alguém que, significando algo de essencial e vital para os que dele ficaram privados, teve profundas e complexas incidências na sua alma ou *psyche*.

Jacques Arènes – psicanalista e «maître de conférences» no Instituto Católico de Lille, professor no Instituto Católico de Paris e no Centro Sèvres, etc. – assume neste livro a análise desta situação de luto, debruçando-se particularmente sobre a noção de «trauma», que desidrata o espaço psíquico do crente. Para evitar cair no abismo de uma situação de «sem-fé», em cujas bordas se move, o crente tem necessidade de um modelo criativo no plano religioso, que supere o deserto das imagens, símbolos e representações a que vem sendo reduzido o seu espaço interior. Fazendo uso do seu saber psicanalítico, Arènes procura contribuir para que numa situação como esta, a par com uma purificação do imaginário religioso, surjam recursos positivos de substituição e superação do que aparece como negativo. Muito minucioso na sua análise, estuda as incidências do fim do religioso no inconsciente humano, relacionando-o com o fim da metafísica e considerando a intervenção da clínica psicanalítica como complemento necessário do pensamento filosófico. Analisa o confronto do crente com a emergência do niilismo e do indiferentismo religioso. De modo semelhante o faz em relação ao ateísmo, olhado pela sua consequência catártica, e às reações extremas dos fundamentalismos ao processo de secularização cultural.

Numa segunda parte, J. Arènes estuda a mesma situação de luto religioso na sua relação com a mística. Além de considerações gerais, estuda casos con-

cretos como os de Marie de la Trinité (e a prova do vazio ou do niilismo), de Santa Teresinha do Menino Jesus (como representante da passagem do «Deus juiz» ao «Deus amor») e a sua experiência do luto, seu «anjo noturno», com a travessia da noite escura apoiada numa fé pura e nua. A conversão como paradigma de fé purificada das escórias presentes na fé tradicional e sociológica constitui um capítulo à parte. O autor analisa aí a parábola do filho pródigo do ponto de vista da psicanálise e apresenta S. Paulo como modelo do convertido. O último capítulo – «A dinâmica do novo» – detém-se sobre o conceito de sublimação, aplicado à conversão, procurando responder à questão de se esta representa o regresso do antigo ou antes a irrupção do novo; apresenta o binómio morte e ressurreição como estando no centro da vida psíquica.

Em conclusão, Jacques Arènes destaca a linha de fundo que presidiu ao seu estudo psicanalítico do luto de Deus. Trata-se de acolher o princípio que se exprime no oxímoro do ganho através da perda, coincidente aliás com o princípio evangélico do «Quem quiser ganhar a sua vida há-de perdê-la», e oposto ao princípio reinante na cultura e na sociedade do nosso tempo, princípio utilitarista do ganhante/ganhante (sem perda).

Um livro para leitores e estudiosos de múltiplas áreas, pensado e escrito por uma especialista na análise psicanalítica dos comportamentos humanos e que, ao mesmo tempo, não cai na tentação de reduzir o ser humano a um complexo de mecanismos deterministas, mas tudo conjuga com a reflexão filosófica e com os dados da fé cristã.

JORGE COUTINHO